

Dimas Macedo e sua Obra Literária

Pedro Paulo Montenegro

A partir do Renascimento, no século XVI, vive-se sob o signo da literatura e da ciência. Mas enquanto a ciência se torna mais um privilégio de núcleos especializados, dissemina-se a literatura por um número cada vez maior de pessoas. A vulgarização da imprensa e a diminuição crescente do índice de analfabetos, por toda parte, estendem a literatura cada vez mais às populações. De privilégio limitado a certas classes da Idade Média, torna-se hoje a literatura um privilégio universal.

A Literatura, um dos sinais característicos da dignidade e da evolução do homem, é a expressão do homem e da vida.

É o homem convertido numa obra. Nela, o importante não é apenas quem se exprime, e o quê se exprime, mas como se exprime. E o que resultou dessa expressão. O como se exprime é juntamente o estilo. Na arte da palavra – a literatura – o estilo não é um meio, nem tampouco um fim em si. Mas é um meio com valor de fim. É um meio que se incorpora ao fim, como, aliás, se dá também com o autor. Na obra literária passa ele a viver incorporado à obra, como o estilo.

Tem o estilo um valor intrínseco e não extrínseco. Vale não apenas como expressão do homem. Daí a assertiva de Buffon: “*Le style est de l’homme même*”. É do homem e não é o homem, como por muito tempo se afirmou.

Se a palavra, em literatura, é o elemento material do estilo, é o estilo, o elemento formal da palavra. Concluindo: o estilo é a passagem da palavra informe para a palavra em forma. É a palavra unida à realidade, à dupla realidade – a subjetiva e objetiva, o autor e o assunto. E ainda mais, o estilo não liga apenas o autor à sua obra. Liga ambos a um terceiro elemento: o leitor, que vem a ser um coautor da obra, uma vez que esta se perfaz no espírito do leitor em cada momento de sua leitura.

Todas essas ideias nos acodem no decorrer da leitura de *Crítica e Literatura* (Fortaleza, Edições Poetaria, 2008), de Dimas Macedo. E são exatamente suas ideias dominantes que sentimos enraizadas em

sua consciência profunda, fruto de sua correta formação literária, no dia a dia de suas vastas leituras e meditações reflexivas.

Esses trabalhos reunidos em *Crítica e Literatura*, pelo autor, vejos como autênticos ensaios.

A palavra ensaio é nova, mas a coisa é antiga, como disse Francis Bacon, um dos grandes ensaístas modernos. Seus ancestrais chamaram-se Sócrates, Platão, Teofrasto, os hebreus do Eclesiastes, dos Provérbios e outras peças da literatura bíblica; Cícero, Sêneca, Plutarco, Plínio, Marco Aurélio e outros. Modernamente é a Montaigne, com os *Ensaaios* (1596) que se deve o nome e a iniciação do gênero, mormente com o sentido que a etimologia da palavra indica: tentativa, inacabamento, experiência, sentido primitivo, que não se manteve, pois o uso da palavra se estendeu a outras direções e tipos. Mas este foi o original, o de uma dissertação curta e não metódica, sobre assuntos variados, o tom era íntimo, coloquial e familiar. Foi o caráter que Montaigne imprimiu ao gênero, de que seu livro famoso é o modelo imortal. Grandes exemplos temos em autores ingleses, como Browne, Addison, Hazlitt, Lamb, De Quincey, Carlyle, Pater, Ruskin, Chesterton.

Não há como retirar o “prazer do texto”, como disse Barthes, de uma leitura valorativa dos ensaios de Dimas Macedo.

Para meu próprio prazer, destaco o que escreveu sobre “Vlória Mourão e a Escritura do Tempo”; sobre Pedro Lyra, sobre a Academia Tauaense de Letras, sobre a personalidade de Denizard Macedo. Análise literária, consciente e bem instrumentalizada, é a que, embora sucintamente como diz para não “tirar do leitor o prazer de ver e sentir”, realiza sobre algumas obras de Felinto Elísio Correia: *Do Lado de Cá da Rosa*, *O Inferno do Riso*, *Das Hesperides* e sobretudo *Das Frutas Serenadas*.

Aludimos à formação literária devida, sobretudo às suas vastas leituras. Em entrevista à *Revista Arre Égua*, Dimas Macedo confessa especialmente que leu muito Dostoievski, Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Clarice Lispector, Augusto dos Anjos, Machado de Assis, Graciliano Ramos. Foi o suficiente para consolidar sua formação literária

e filosófica e formar-lhe o estilo, naquele sentido de Buffon: “*Le style est de l’homme même*”: Do homem todo em seu tríplice aspecto, conceitual, sensorial e afetivo.

Eis aí a complexidade e a polivalência do escritor, poeta e pensador, ensaísta, crítico literário, cuja obra versa sobre Direito, Filosofia e Estética.

Não devo concluir estas reflexões sobre Dimas Macedo, sem aludir ao livro *Ressonâncias e Alteridades – Fortuna Crítica Seleccionada*, publicada pela Editora Omni, em 2007, e enfeixando nada menos que setenta e sete artigos de críticos ensaístas, jornalistas, professores sobre os vários livros e trabalhos do autor de *Crítica e Literatura*.

Vale a pena ler esta obra elaborada por vários escritores de sensibilidade e espírito crítico e conservá-la para consultas posteriores ou releitura de estudo e reflexão.